

CONTRIBUIÇÕES DA INCLUSÃO DO ATLETISMO NO CURRÍCULO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Marilândia do Nascimento²

RESUMO: A presente pesquisa visa levantar na literatura nacional as contribuições que a inserção do atletismo no ensino fundamental pode trazer para a formação do indivíduo. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente, psicologicamente e cognitivamente, isto é, sua formação no todo. Para que o ensino do atletismo seja difundido nas aulas de educação física, algumas barreiras estruturais e sociais deverão ser superadas. Novas metodologias e práticas pedagógicas são necessárias e a ludicidade vem tomando seu espaço como metodologia gerando resultados positivos no ensino do atletismo no ensino fundamental. O estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, levantando dados primários sobre o tema estudado, embasados em autores conceituados na área da educação física e da pedagogia. O que se pretende de forma indireta com o estudo é divulgar o atletismo de forma crítica no seu contexto socioeconômico e cultural.

Palavras-chave: Atletismo; Ludicidade; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: This research has as goal to survey in the National Literature the contributions that the inclusion of athletics at Elementary School can bring to the development of the individual. It is not Just physically, but emotionally, psychologically and cognitively, too. It is about the individual formation as a whole to promote the athletics teaching in Physical Education classes, some structural and social barriers must be surmounted. New methodology to generate positive results in teaching athletics at Elementary School. The study was conducted by literature resource, collecting primary data about the studied subject, bases on renowned authors in the field of Physical Education and Pedagogy. This study intends, in an indirect way, to promote the athletic as a complete activity to develop the human being as an autonomous and critical individual and become it in an active person in its socio-economic and cultural context.

Keywords: Athletics; Playfulness; Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

A educação física como disciplina, trata da cultura corporal, temas envolvendo o esporte numa dimensão social, como jogo, ginástica, dança, entre outros. Em consonância com o projeto pedagógico a educação física contribui para o desenvolvimento de capacidades de análise, compreensão, explicação e atuação por parte dos alunos na realidade social em que estão inseridos, de forma autônoma, criativa e crítica.

O presente estudo tem como tema as contribuições que a inclusão do atletismo no currículo do ensino fundamental pode trazer para o educando no ambiente escolar. Este estudo é motivado pelo fato que o atletismo não é uma modalidade presente nas aulas de educação física, o que tem preocupado dos profissionais, engajados na área esportiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, utilizando dados primários e embasada em autores de renome na área pesquisada. Entre alguns autores podemos citar Matthiesen (2007), Oliveira (2006), Frómata e Takahashi (2004), entre outros.

A educação física é diferenciada das demais disciplinas pedagógicas entre as diferenças está o objeto de estudo, o local e espaço onde acontece e a metodologia. Mas, uma preocupação acompanha essa disciplina: o cuidado em manter o significado humano do movimento. No entanto, a educação física deve atingir o conteúdo e objetivos a serem alcançados por meio de uma metodologia planejada pelos professores. O atletismo, por se tratar de uma atividade inerente ao ser humano, pois repete os movimentos naturais do homem, caracteriza-se como a atividade física adequada para estar nos planos curriculares do ensino fundamental. Devendo ser desenvolvidas conforme o desempenho e limites de cada um.

O problema instalado é a falta de conscientização, tanto de professores como dos órgãos educacionais da importância de práticas de ensino esclarecedoras e emancipatórias que deem suporte ao indivíduo de atuar conscientemente na sociedade que está inserido. Assim, o presente artigo pretende verificar as contribuições que a inserção do atletismo no currículo do ensino fundamental pode trazer para o educando no ambiente escolar. Para isso será necessário conceituar o termo atletismo, fazer um breve apanhado histórico do atletismo no mundo e no Brasil, elencar novas perspectivas pedagógicas para a educação física na prática do atletismo e salientar a importância de desenvolver o atletismo de forma lúdica.

HISTÓRIA DO ATLETISMO

No sentido etimológico, atletismo tem a sua origem na raiz grega “athlon”, que significa combate. A Grécia pela sua cultura e filosofia é apontada como precursora da prática do atletismo. É importante observar que não somente os homens praticavam o atletismo, mas também mulheres e crianças. Esse fato, ocorrido em épocas tão remotas, reforça que o esporte tem boa aceitação por parte das crianças e a sua prática ocorre naturalmente, devendo preocupar-se somente com a forma pela qual esta acontece.

De acordo com o Portal São Francisco (2010) o atletismo é considerado a atividade física de todos os povos do mundo desde 1225 a.C. sem objeção de nível social. Surgiu de movimentos naturais do homem como marchar, correr, saltar e lançar, sendo essas habilidades de extrema importância no desenvolvimento de qualquer outra atividade esportiva. É uma modalidade que pode ser trabalhada individualmente, além de ajudar alunos que venham a ter problemas físicos, de conhecimento, de rendimento ou social. Assim começou o atletismo, chamado esporte de base, por não apresentar

grande dificuldade em sua prática, ser de fácil assimilação, e por utilizar as formas básicas do movimento.

O atletismo já era praticado na pré-história, sendo que nesta época a modalidade servia como forma de sobrevivência. A caminhada servia para se locomover, a corrida e os saltos para se defender dos animais, os arremessos, para a defesa e para a sobrevivência matando animais para utilizar na alimentação. Com isso, homens e mulheres foram adquirindo habilidades que mais tarde foram aprimoradas e adaptadas nas competições de atletismo.

Os acontecimentos esportivos vêm sendo realizados há quase três mil anos. O atletismo é a forma mais antiga de desporto organizado. Na realidade trata-se de uma mistura de vários desportos, que engloba as corridas, os saltos e os lançamentos.

Conforme o Portal São Francisco (2010) os primeiros povos que se têm registros foram efetuados na Grécia, em 776 a.C. com apenas uma prova, a corrida no estádio (192,27 metros). Consta nos registros que o vencedor da prova foi um comerciante de nome Coroebus ou corebo não se sabe ao certo. Consta que a Grécia é a pioneira da codificação da antiguidade esportiva, inteligentemente programando corridas de diferentes distâncias. As mais curtas tinham o nome de Diallus e as longas, de doze voltas na pista, conhecidas como Doliko. Nesta época, já se realizavam saltos em distância, porém, sem a impulsão e também algumas formas rústicas de arremessos de peso, lançamento de dardo e disco.

HISTÓRIA DO ATLETISMO NO BRASIL

Os ingleses e alemães radicados no Brasil foram os propulsores do esporte organizados no Brasil. Em 1880 havia no Rio de Janeiro, o Club Brasileiro de Cricket que eram vendidos aposta para corridas de rua.

Segundo enunciado do Portal São Francisco (2010) em São Paulo em 1888 foi fundado o Athletic, de início só para a prática da enquete e mais tarde corridas a pé e outros. Em São Paulo surgiram vários outros clubs, Club Alemão (1888), Associação Atlética Mackenzies Collag (1898), Spot Club Internacional (1899), Club Atlético Paulistano (1900) em Niterói, a Rio Cricket and athletica Association (1899) em Porto Alegre, com várias agremiações dirigidas por Alemães que se dedicavam a ginástica, jogos com bola e provas atléticas.

Em todos esses Clubes o atletismo era praticado de forma não continua e não eram obedecidas as normas efetuadas na Inglaterra. Em 1907 foi editado o primeiro livro de regras oficiais de diversos jogos, pela livraria Garnil (incluía também o atletismo). Dali a três anos essas regras já eram observadas em torneios regularmente disputados em clubes e colégios.

Matthiesen (2007, p. 11) destaca algumas das principais datas e acontecimentos que envolvem o atletismo no Brasil.

1910 – Registro das primeiras competições de atletismo no Brasil, época em que esse esporte estava sob a responsabilidade da CBD – Confederação Brasileira de Desportos.

1912 – Criação da IAAF – Internacional Amateur Federation (Federação Internacional de Atletismo Amador).

1914 – Filiação da Confederação Brasileira de Desporto (CDB) à Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF).

Em 1918, realizaram-se os primeiros eventos de que se tem notícia no Brasil. O jornal “O Estado de São Paulo” organizou um campeonato para atletas em provas combinadas, “Duodecatlo” com 12 provas. Iniciou-se também a disputa de uma corrida de rua denominada “Estadinho”, no Rio de Janeiro, em 1921, com campo do Flamengo, uma das primeiras do Brasil.

Em 1923, foi fundada a Federação Paulista de Atletismo, a primeira do Brasil, seguindo-se nos anos 30 a fundação de mais algumas federações no sul do país.

1924 – Primeira participação oficial do atletismo brasileiro masculino em Olimpíadas – Jogos Olímpicos de Paris.

1929 – Realização do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, primeira competição de caráter nacional, cuja última edição aconteceu em 1985.

1945 – Realização da primeira Edição do Troféu Brasil de Atletismo, que atualmente corresponde à principal competição nacional do calendário da CBAAt e que, desde 1986, consagra os atletas vencedores como “Campeões Brasileiros de Atletismo”.

1977 – Criação do CBAAt – Confederação Brasileiro de Atletismo, no rio de Janeiro, em 02/02/1977, com exercícios a partir de 01/01/1979, fazendo com que o atletismo se separasse da CBD. Transferida para Manaus em 1994, a CBAAt contava em 2004, com 27 federações (26 estaduais e uma do Distrito Federal) filiadas.

A partir de 1987, a firme determinação da CBAAt de fazer o Brasil presente em todos os eventos internacionais, sempre com o número máximo de atletas permitido fez com que o atletismo tivesse um grande crescimento e viesse, inclusive, a receber um respeito maior internacionalmente. Também é a partir desse período que o atletismo Brasileiro começa a reorganizar-se para poder acompanhar o ritmo internacional, modernizando-se, buscando meios, instalações, preparação de recursos humanos, para alcançar um melhor nível.

Em 1985, é iniciada a disputa do torneio Internacional de São Paulo que, a partir de 1990, passa a constituir uma etapa do Grande Prêmio Internacional, promovido pela IAAF.

Em 1989, é realizado na cidade do rio de Janeiro o Campeonato Mundial Feminino de 15 km em Estrada, o primeiro campeonato mundial de Atletismo a ser realizado na América do Sul.

Em 1990, com a inauguração da Vila Olímpica de Manaus, equipada com pista e material olímpico, ganha o Brasil um grande palco para eventos internacionais, onde se realizou, naquele ano, um meeting internacional com atletas de renome mundial. No mesmo ano, Manaus sedia os Campeonatos Ibero-americanos, fortalecendo assim, a imagem do Brasil como organizador de grandes eventos.

2001 – Alteração do significado da sigla IAAF. De internacional Amateur Athletic federation (federação Internacional Amador), passou a ser definida como Internacional Association of Athletics Federation (Associação Internacional das Federações de Atlético).

Vale salientar que, até 2006, quatro atletas brasileiros haviam estabelecidos oito recordes mundiais ainda que já tenham sido superados: cinco recordes de Adhemar Ferreira da Silva; um recorde de Nelson Prudêncio e um recorde de João Carlo de Oliveira, todos no salto triplo; na maratona, um recorde mundial com Ronaldo da Costa.

Conforme exposto no Portal São Francisco (2010) atualmente, o atletismo divide-se em grupos de provas: provas de pista, provas de campo e provas combinadas. As provas de pista incluem todas as corridas, sejam elas de velocidade, meio-fundo, e também a marcha atlética. Já as provas de

campo, são os saltos, os lançamentos. Os saltos se apresentam em quatro provas: salto em distância, salto em altura, salto triplo, salto em altura e salto com vara. E os lançamentos são: do dardo, do disco, e do martelo e o arremesso do peso. Têm-se também as provas combinadas, que são o decatlo, isto é, dez provas que são disputadas pelo sexo masculino, e o heptatlo, isto é, sete provas disputadas pelo sexo feminino.

CONCEITO DE ATLETISMO

Ao registrar a palavra atletismo, Matthiesen (2007) coloca que, vem do grego “ethos” e que significa combate, consta nos registros históricos de atividades como corridas, saltos, lançamentos desenvolvidos pelos gregos na antiga Grécia. Ou seja, todas as atividades que envolvam algumas destas habilidades motoras como correr, saltar, marchar, lançar e arremessar, para ser considerado atletismo há de ter características normativas técnicas.

Segundo Matthiesen (2007, p. 7):

O correr do atletismo não é um correr qualquer, assim como o saltar, o arremessar e o lançar não podem ser considerados de uma forma descontextualizada, fora do campo normativo e técnico que envolve o atletismo propriamente dito. E veja: isso é mais importante do que parece! Essa definição é de suma importância para que se garanta o espaço do atletismo no âmbito da cultura corporal.

A Confederação Brasileira de Atletismo – CBAAt define o atletismo como provas atléticas de pista e de campo, corridas, marcha atlética, corrida através do campo Cross country e corridas em montanhas.

Aqui o termo atletismo não é o das corridas de final de semana nem os lá da pré-história onde o homem utilizava os movimentos básicos do atletismo para a sua sobrevivência. Atletismo levado a sério é o de competição, com técnicas, não aquela de habilidade motora que o indivíduo adquire desde seu primeiro passo, é as exigidas no âmbito de provas, ou seja, habilidade motora e física.

O atletismo não é só o de preparação física para os outros esportes, pois o lançar, o saltar e o correr, é normativo, é técnica de provas de competição, isto é, capacidade física básica identificada como própria desse esporte como velocidade, resistência, força e agilidade.

O ATLETISMO NO CURRÍCULO ESCOLAR

Para que a educação escolar seja revista com novas perspectivas, é importante que o aluno adquira além do conhecimento prático. O conhecimento histórico deve fazer do aprendizado do aluno, para que o mesmo possa interpretá-lo, e assim construir uma linguagem nos três contextos, isto é, no contexto comunicativo, expressivo e teórico.

Kunz (1991 apud Oliveira 2006) questiona a competência comunicativa para a aprendizagem dos alunos e cita que a capacidade de se comunicar não é algo dado, mas a ser desenvolvido.

De acordo com Oliveira (2006, p. 28).

A grande tarefa e transformação didática e pedagógica dentro das escolas brasileiras é aumentar sua atratividade e sua compreensão, porque fazer, como fazer, quando

fazer e como melhorar esse fazer, com diferentes estímulos e diferentes formas de adquirir o conhecimento. Um atletismo voltado para os jogos e brincadeiras seguido pela compreensão dos seus movimentos.

A aceitação do atletismo por parte do aluno não deve ser algo imposto, mas visto como ampliação dos conhecimentos e algo que traga benefícios tanto de forma individual quanto coletiva. O processo deve ocorrer de maneira a adequá-lo a transformação da modalidade, visando os objetivos cooperativos e autônomos.

Segundo Oliveira (2006, p. 8):

Queremos com isso chamar a atenção para o esporte educativo, aquele que leva o aluno à aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos, através de trocas de experiências coletivas e individuais e respeito à cultura que o aluno traz consigo. Um esporte que solicite a presença o aluno do seu todo, no cognitivo, no físico, no social, no simbólico, no motor, de ações, de entendimento e que permita resoluções de problemas. A autonomia nasce da compreensão que o aluno possa ter sobre sua prática.

O que a autora salienta é que o atletismo pode ser visto como possível de aprender sem impor técnicas, com descobertas individuais, e assim chegar às técnicas, em forma de aquisição de novos conhecimentos e com isso despertar o aluno o gosto por uma modalidade de esporte que tenha a presença no seu todo, contribuindo nas suas habilidades físicas e mentais.

A utilização de outros métodos, metodologias, outros conteúdos, técnicas, materiais e relacionamentos, essas são as informações a se buscar quando se intenciona trabalhar de forma interdisciplinar.

A visão que devemos ter para o ensino do atletismo no contexto escolar é, e deve ser diferente daquela relacionada ao treinamento desportivo, muito embora os meios utilizados para ambos sejam os mesmos. No treinamento desportivo, basicamente, se utiliza a chamada progressão de fundamentos, exercícios de repetição para o aperfeiçoamento da técnica e tática.

Para Oliveira (2006) já, na escola, a opção metodológica mais utilizada no ensino do esporte nas aulas de educação física pode ser o jogo recreativo. Pois, é importante que o atletismo mostre-se interessante, motivador, versátil e que indique outros caminhos e valores aos alunos. Levando em consideração que o atletismo pode ser jogado, brincado e reconstruído de forma lúdica, contemplando também, o conhecimento de suas técnicas específicas.

Ele pode ser estudado pela compreensão que, baseada nas teorias construtivas, propõe que, é possível entender os jogos compreender as táticas e técnicas participando da aprendizagem e gostando de jogar, dando maior significado, fazendo uma aproximação da técnica do esporte à realidade em que vivem respeitando a cultura corporal e a individualidade do aluno e seu nível de habilidades, fazendo com que ele encontre prazer na realização do esporte.

Reverendo o contexto de tornar o atletismo atrativo para aluno deve-se deixar de persistir na educação física tradicional e trazer proposta novas de novas de jogos com temas lúdicos transformando o atletismo em prática social, e com isso fazer com que o aluno vivencie o perder e o ganhar, pois esta é uma característica clara dentro da modalidade. O atletismo pode ser apresentado em forma de jogos lúdicos valorizando as suas técnicas específicas.

Conforme Freire (1997 apud Oliveira 2006) na educação escolar o jogo é uma forma de ensinar, vale transformar o jogo em instrumento pedagógico, assim transformando o atletismo em forma de jogo que venha a contribuir no desenvolver das atividades pedagógicas de maneira prazerosa.

Os jogos podem influenciar significativamente na construção do conhecimento sendo uma fonte de prazer e descoberta. É preciso ver o jogo como uma atividade que faz parte do cotidiano do aluno, sendo um elo com a aprendizagem, pois o jogo é uma atividade espontânea do ser humano, a proposta de jogar para aprender e não aprender para jogar compreende objetivo e não repetir fundamentos específicos deles (OLIVEIRA, 2006, p. 38).

O ensino do atletismo pode ser também, na forma de propor o jogo como meio de promover a aprendizagem, tornando-se, assim, um instrumento pedagógico que pode contribuir para o desenvolvimento do aluno, pois é um ótimo estimulador, uma fonte de prazer e descoberta.

O jogo deve ser visto dentro do ensino do atletismo, como uma ótima oportunidade e possibilidade de aquisição de conhecimentos, sem ser excludente com os menos habilidosos, sem buscar talentos e, que possa trazer benefícios em suas vidas.

Para Oliveira (2006) o jogo diz respeito ao tempo empregado numa atividade que pode fortalecer e transformar as relações sociais, dependendo do contexto em que é proposto. Para isto, ele deve ser relacionado à totalidade de homem, o que implica em ouvir suas vontades, suas necessidades, suas emoções e seus sentimentos. No jogo, ao mesmo tempo em que o ser humano pode ser criativo, ele pode conhecer melhor a si próprio e ao outro.

É necessário que a prática educativa do professor de educação física de forma equilibrada e que o aluno possa desempenhar e estabelecer regras de acordo com o desempenho de duas habilidades, visando ajudar na compreensão, fazendo com que haja persistência e êxito na atividade apresentando o atletismo no contexto escolar com dimensões lúdicas e de maneira positiva.

A abordagem do atletismo no currículo escolar deve ser para o aluno uma oportunidade de descobrir e conhecer, brincar com diferentes formas, deixar que o comportamento motor se modifique a partir de experiências, trabalhar com exploração e resoluções, criando e recriando, procurando atingir sua autonomia dentro do atletismo.

BRINCANDO O ATLETISMO NA ESCOLA

As brincadeiras e os jogos são os meios mais efetivos para o desenvolvimento do iniciante. De acordo com Frómeta e Takahashi (2004, p. 90): “a criança vive quando joga e aprende a viver jogando”. A criança quando realiza as tarefas indicadas, desenvolve todas as habilidades pela emoção despertada e também pelas diferentes situações que vivencia neste tipo de exercício.

É por meio dos jogos que a criança aprende a técnica e desenvolve a preparação física de forma múltipla e combinada.

Segundo Frómeta e Takahashi (2004, p. 90):

A criança que se inicia no atletismo dos 9 aos 11 anos começa a sentir uma grande inclinação pelos jogos esportivos. Por essa razão, é amplamente utilizado o grupo de jogos com tarefas e dimensões diversas, como o mini futebol, o mini basquetebol, o mini vôlei e o mini handebol, uma vez que realizá-lo em quadra oficial torna-se muito complexo [...], porém devem-se utilizar os jogos pré-esportivos do atletismo que incluem ações técnicas de diferentes provas, bem como o desenvolvimento da preparação física geral.

O ensino de técnicas no período de formação inicial da criança está ligado ao desenvolvimento das habilidades naturais, sendo importante levar a ela a informação de novos movimentos, ampliando e valorizando as manifestações de lazer e diversão.

De acordo com Oliveira (2006, p. 56):

Correr é uma ação intuitiva, sendo considerada uma continuação da marcha que utiliza a coordenação motora global, não sendo necessário nesta faixa etária a utilização de exercícios específicos para melhorar equilíbrio e coordenação no esporte.

Para Koch (1983 apud Oliveira 2006) a criança com apenas dois anos de idade já consegue correr com certa velocidade, o professor deverá promover e trabalhar o ritmo para dar controle a velocidade que ela já exerce nesta fase. Já com três anos tende a combinar as corridas e os saltos de baixa altura, com isso deve oferecer para as crianças um espaço que seja suficiente para que possa desenvolver essa atividade. Deve cuidar a ao forçar a criança um espaço que seja suficiente para que possa desenvolver essa atividade. Deve cuidar a não forçar em alturas, pois aos seis anos de idade ela ainda demonstra dificuldades em efetuar saltos em determinadas alturas. Quanto a arremessar desde pequena a criança realiza o ato de jogar fora pequenos objetos, na posição para esta inicia aos sete anos. Este relato demonstra que é possível contribuir no desenvolvimento motor da criança na educação infantil de forma lúdica.

Nas atividades competitivas as competências individuais se manifestam, então cabe ao professor a patente de organizar de modo a expor, a todas as oportunidades de aprendizagem. É comum encontrar em jogos pré-esportivos crianças com maiores habilidades e devido processo monopolizar situações em prol destas habilidades.

Segundo Oliveira (2006) nestas situações o professor deverá intervir e promover atividades de modo em que todos os alunos possam avançar nas suas competências corporais. O professor deverá ter a competência de propor os desafios adequados para cada um, considerando na organização das atividades e diversidades, valorizando as diferenças.

Nos trabalhos em duplas ou em grupo, a cooperação é fundamental; nesse tipo de trabalho, observar e valorizar a vivência de cada adulto, de preconceitos e comportamentos estereotipados. Na averiguação de todas as diferenças e habilidades ter como objetivo central a cultura lúdica estabelecendo e possibilitando a prática com experiência com este material.

Desenvolvendo correr, pular, lançar, e arremessar dar ênfase nas capacidades de equilíbrio, força, velocidade, coordenação, agilidade e ritmo de forma de equidade de cada criança e de acordo com essas características individuais, e que seja aplicado com a prática.

A criatividade do professor de educação física é primordial na busca de exercícios, com isso traçar temas, em que possa vir a pular etapas do desenvolvimento motor da criança, e com essa atitude vir a queimar futuros admiradores da modalidade atletismo.

O professor irá selecionar dentre os conteúdos propostos de correr, saltar, lançar e arremessar, brincadeiras e pequenos jogos, não tendo regras oficiais, sendo de fácil execução e tempo mínimo de duração de 5 a 10 minutos, pois nessa faixa etária dispersam-se facilmente (OLIVEIRA, 2006, p. 55).

Com isso realizar atividades de exercícios básicos de deslocamentos curtos evidenciando repetições de velocidade variadas, e aos poucos desenvolver condições básicas, e dessa maneira começar o processo de desenvolvimento da velocidade propriamente dito.

Oliveira (2006) exemplifica algumas brincadeiras a serem desenvolvidas: quanto às corridas, tem-se as variações do pegador:

- Mão no pega: o aluno pegador, que terá e colocar uma das mãos na parte do corpo que foi tocada, ficando a outra disponível para tocar o colega.
- Pique Cola Americano: o aluno pegador corre atrás dos demais, aqueles que forem pegos deverão ficar colado, com as pernas afastadas. O pegador continua colocando os colegas que estiverem livres deverão passar por baixo das pernas deles, salvando-os.
- Pique Cola Brasileiro: a mesma atividade, porém o colado fica agachado para ser salvo. O colega tem que saltar sobre ele.
- Pega avião: o pegador não poderá pegar os colegas que estiverem na posição de avião.
- Tartaruga: o pegador não poderá pegar os colegas que estiverem na posição de tartaruga com o casco para baixo e as pernas pra cima. Nesta brincadeira a criança deverá ficar mexendo os braços e as pernas.
- Jacaré: o pegador não poderá pegar os colegas que estiverem na posição de jacaré, isto é, deitado no chão com a barriga para baixo, movimentando os braços e as pernas.
- Elenfantinho: o pegador segura o nariz com uma das mãos e passa a outra por dentro imitando a tromba do elefante, este só poderá pegar os colegas com a tromba, trocando de pegador.
- Empresta-me sua casinha: desenhos variados de formas geométricas no chão, cada forma e ocupada por uma criança ficando apenas uma sem casinha. Esta deverá gritar: empresta-se sua casinha e todos deverão trocar de casa.
- Refúgio: marque no solo refúgios com os nomes conhecidos (jardim, parque, piscina), divida a turma em três grupos e ao sinal, deverão trocar de refúgio, tendo um ou mais pegadores ao centro.

Desta maneira, podemos encontrar inúmeras brincadeiras que possamos desenvolver e aprimorar, as habilidades dirigidas à rapidez da criança.

Quanto aos saltos, não podemos esquecer que algumas crianças precisam vencer o medo, que está ligado ao espaço, pois os saltos estão ligados a exercícios que combinam corrida e salto, trazendo a ela uma complexidade maior na adaptação desta atividade. Com isso vale ao profissional comportar brincadeiras que a levem a superar estes medos.

Oliveira (2006) sugere alguns tipos de saltos:

- Com Arco: correr e saltar por cima e dentro de arcos ou círculos desenhados pelo chão. Usar cores e tamanhos diferentes. Ou saltar de um arco para outro sem tocá-los, saltos consecutivos. Incentive descobrir diferentes formas de saltar.
- Corpo: experimentar saltar por cima das pernas dos colegas, sentados com as pernas unidas realizando movimentos de abra e fecha. Ou saltar companheiros deitados no solo, sempre trocar posições. Modifique as posições em deitado, sentado, quatro apoia e agachado.
- Pneus: saltar por cima e dentro dos pneus. Utilizar várias alturas, cortando o pneu pela metade poderá colocá-lo em pé modificando a altura e propondo um novo desafio.

- Bastões: espalhar bastões no solo e variar as posições. Saltar por cima de um ou de vários sucessivos. Também pode-se aumentar a distância e estimula os participantes a descobrir outras formas de saltar.
- Cordas: espalhe várias cordas no solo e estimule os alunos a saltarem sem tocá-las. Formar uma figura com a corda e saltar por cima e dentro dela. Saltar na dos amigos. Fazer cobrinhas com a corda para que saltem tentando não tocá-la. Pendurar a corda para que agarrem e saltem para a frente.
- Elásticos: saltar de diferentes alturas. Esticar elásticos em um suporte e ir desafiando com maiores alturas, sempre compatíveis à idade. Esticar elásticos sucessivos para que saltem duas, três vezes. Saltar individualmente e também de mãos dadas com o colega, com a turma.
- Troncos, bancos e árvores: usar elementos da natureza e objetos da escola como obstáculos, pode ajudar bastante quando se tem pouco material disponível na escola. O professor precisa ser criativo e promover a criatividade das crianças.

Para Oliveira (2006) no arremesso ou no lançamento além das habilidades exigidas nas atividades anteriores, necessitam-se trabalhar também na criança, exercícios de coordenação viso motora. O trabalho consiste em lançar objetos de vários tamanhos, peso, alturas, distância e em diferentes alvos.

- Lançar argolas e segurar. Lançar bolas para o outro, quicando de mão em mão. Lançar arco em pinos.
- Atirar bolas de papel ou de pano em garrafas, caixas e latas. Atirar em sacos pendurados em varal, com números, cores e letras para estimular. Pendurar arco e atirar para acertar por dentro.
- Arremessar com direção determinada em alvo fixo, em superfície plana e suspensa. Arremessar em cesto, lixeiras e sacos. Um aluno entra no saco de estopa e os demais atiram bolinhas de papel dentro do saco. Propor equipes e grupos. Atirar pedras em bexigas penduradas em árvores ou em varais.

Assim, a autora ressalta que o atletismo tratado conteúdo pedagógico, deve ser realizado de forma consciente, fazendo com que a criança desenvolva não só um trabalho em grupo, mas que construa para ela também autonomia e cidadania para seu futuro.

ALGUMAS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO

No pensar em possibilidades concretas do ensino do atletismo nas escolas, aponta alguns princípios que precisam ser discutidos e respeitados em ação pedagógica. Dentre eles, Souza (2005, p. 42) destaca:

Precisamos compreender as diferenças conceituais entre Atividade Natural e o Atletismo. A primeira diz respeito aos gestos básicos de correr, saltar e lançar, próprio do homem. Estas atividades naturais fazem parte do patrimônio motor humano. Desde os primórdios, o homem sempre se valeu destas atividades para sobrevivência, soberania, sendo fundamentais na resolução de seus problemas rotineiros. A segunda é dos gestos básicos em esporte, atividade social e cultural. As

corridas, os saltos e os lançamentos, reunidos, só se tornaram desporto depois que sofreram um processo evolutivo de regulamentação e sistematização de técnicas específicas em sua prática.

A educação física tem uma missão que, se bem sucedida, gera resultados para toda a vida de uma pessoa. Se cumprida a sua missão, ela não fica apenas no passado, nas lembranças do tempo de escola, mas permanece presente sempre. No entanto, é necessário oportunizar em âmbito escolar, as crianças e adolescentes a recuperarem a alegria de jogar e brincar com as corridas, saltos e lançamentos.

De acordo com Kunz (1991, p. 45), as perspectivas de mudanças na Educação Física devem fundamentar-se inicialmente em três aspectos:

a) A orientação pedagógica deve centrar-se numa concepção crítico-progressista, buscando atender os interesses da maioria dos alunos, desviando o foco principal da aula dos princípios de concorrência e competição, considerando as pré-condições motoras dos alunos e seus interesses como co-participes no processo de decisão da aula. b) Consideração do mundo vivido e do mundo de movimentos do aluno, contribuindo para o desenvolvimento de movimentos e jogos que aumentem o repertório de possibilidades motoras dos alunos. c) O professor deve considerar o planejamento prévio uma responsabilidade educacional, sem o qual se causa a impressão que o professor considera a aula uma ação rotineira sem grande importância.

De forma sintetizada, para Santin (1995) a educação física deve atender a quatro itens considerados por ele, indispensáveis. O primeiro ponto enumerado é a capacidade de comunicação que diz respeito ao desafio de criar seu próprio discurso, este ligado a corporeidade, ao movimento e a gestualidade. O segundo ponto é a alfabetização do homem corporal, isto é, precisamos aprender a ler o corpo, e é esta ação o cerne do pedagógico da educação física. Por terceiro, tem-se a solidariedade orgânica, pois o corpo humano é um todo orgânico, um estímulo em qualquer parte do corpo mobiliza todo o sistema. O corpo mais do que um conjunto de peças é um sistema comunicação solidária, portanto uma unidade completa. E por quarto item, tem-se a restauração do homem *aestheticus*, que diz respeito a busca da educação física pelo desenvolvimento do impulso sensível, vinculado à beleza, ao lúdico, ao sentimento e a arte.

É por meio da luta pela validade da educação física no contexto escolar que faz surgir as diferentes perspectivas pedagógicas para a mesma, como por exemplo, a perspectiva crítica, quem visa questionar os fundamentos e pressupostos da educação física a partir de sua contextualização na sociedade atual.

No entanto, apesar, apesar dos esforços nesta direção, evidencia-se que as mudanças significativas não vêm se efetivando no âmbito da prática pedagógica. As causas podem estar ligadas por razões como por desconhecimento, por falta de condições, por desinteresse dos professores, pelo professores não concordarem com os pressupostos, princípios e orientações dessas propostas, ou ainda porque os professores não conseguem materializar em sua prática essas propostas.

De acordo com (Darido, Rangel, 2005 apud Prado, Matthiesen, 2007, p. 120):

A partir da década de 70, surgiram algumas perspectivas de ensino, as quais reivindicavam uma mudança no processo ensino-aprendizagem no que diz respeito ao ensino da educação física escolar. As abordagens Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidades, Cultural, Desenvolvimentista, Interacionista, Construtivista, Crítico-superadora, Sistêmicas, Crítico-emancipatória, Saúde-renovada e abordagens

baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, certamente contribuíram para uma tentativa de superação dos modelos tecnicistas e tradicionais da Educação Física.

Dentro das abordagens baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) foram analisadas as contribuições de três dimensões que norteariam o ensino dos conteúdos das aulas: a procedimental, a atitudinal e a conceitual.

Entretanto, o professor de educação física, muitas vezes, não explora as possibilidades de contextualização da prática, quer que seja por falta de material, quer por falta de um conhecimento do contexto histórico-cultural da modalidade ou prova específica. Isso acaba, sem dúvida, contribuindo para a idéia errônea de que a educação física é uma disciplina secundária no processo de formação da criança, e que o conteúdo ensinado dentro de suas aulas pode muito bem ser substituído pelos intervalos e recreios escolares.

Oliveira (1999, p. 70) é mais taxativo quando aponta alguns pontos que contribuem para essa não efetivação de novas propostas pedagógicas:

A falta de interesse em vivenciar novas abordagens metodológicas; o excesso de comodismo; a condição de refratário ao conhecimento que os docentes assumem no ensino; o medo da instabilidade frente a novos conteúdos e estratégias metodológicas, pois seria um risco assumir a dúvida frente ao aluno, quando no entendimento tradicional o professor tem de saber e o aluno apensar aprender.

As abordagens citadas caracterizam-se como sendo renovadoras no âmbito do ensino da educação física. No entanto, uma análise com maior profundidade em cada uma delas se faz necessária para que se possa destacar efetivamente qual ou quais estejam alinhadas com as perspectivas críticas da educação física, e que apresentem propostas de intervenção e instrumentalização pedagógica efetiva na busca da formação de sujeitos críticos e autônomos.

O PROFESSOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR

A escola é um espaço propício para a construção da efetividade, centrada na intervenção sobre a inteligência e cuja evolução depende das relações. Ela possibilita interações diversas, e proporciona situações e experiências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa.

O brincar, o jogar e o se movimentar para o ser humano e, principalmente para a criança, é importante no seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. No momento do jogar a criança testa suas idéias e conceitos, podendo desfrutar dos momentos de alegria ou medo, incerteza, frustração e experimentar o mundo que a cerca.

Para Giroux (1998) o professor é o sujeito mediador do processo educativo no âmbito escolar. Está a frente do processo e tem um das responsabilidades o encargo de organizar e orientar a formação de um grupo de pessoas que tem a necessidade de conhecimento variado para interferir no contexto social que está inserido.

Para desempenhar tal função, o professor precisa ter a sua disposição instrumentos que auxiliem no desenrolar de sua função social como educador. A condução do processo educativo do professor deve ser avaliada permanentemente, pois dependendo da forma que a condução do processo educativo se dá, pode-se estar contribuindo para construção do pensamento e leitura crítica da realidade ou para a manutenção da massificação das idéias como verdadeiras e que não avançam na direção da transformação social (GIROUX, 1998, p. 56).

O que verificamos que acontece nos dias atuais nas escolas é a prática pedagógica caracterizada pela realização de tarefas apenas instrumentais, tornando o professor um executor de ordens vindas dos conselhos superiores, não havendo espaço para o discurso ou diálogo.

De acordo com Freire (2001) o professor não pode se omitir no contexto educativo, mas sim deve sujeito com conhecimento de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenção que não é neutra, jamais foi, é ou pode ser.

Os professores devem responsabilizar-se por levantar questões sérias sobre o que ensinam como devem ensinar, e quais os objetivos mais amplos pelos quais lutam. Isto quer dizer que devem desempenhar papel importante na definição dos propósitos e nas condições da escolarização.

Para Kunz (1999, p. 60):

Com relação ao ensino do atletismo, é por meio dos movimentos que as crianças enfrentam barreiras, não se importando muito com os outros pensam ou dizem, fortalecendo o seu autoconhecimento. Elas ultrapassam seus limites para dizer a si próprio que seu gostar é maior do que os outros dizem do seu movimento. São nessas experiências que as crianças buscam encontrar novas possibilidades para superar seus limites que são impostos pelo nossa sociedade e das delimitações do seu campo social.

E é neste momento que entra em ação o papel de professor, que é apresentar múltiplas oportunidades de vivências a partir do potencial individual de cada aluno para conhecer a si, ao outro e ao mundo. É através do movimento humano, cada um demonstra quem é. O esporte, o jogo ou a dança contribuem para a formação do ser humano, permitindo que ele se conheça e reconheça ao outro com suas possibilidades e limitações. Atualmente, os professores têm de assumir o papel de esclarecedores, questionar de que maneira a educação física, principalmente através do movimento humano pode proporcionar o conhecimento sobre os limites de cada um e dos outros.

No desenvolvimento das experiências de aprendizagem, um dos fatores determinados é o método de ensino utilizado pelo professor, no entanto, há que ser considerado também a existência do método do aluno e o método do conteúdo ou do conhecimento a ser tratado. Portanto, vale dizer que dependendo das circunstâncias o professor pode lançar mão de diferentes estratégias de ensino para alcançar seus objetivos educacionais.

Segundo Kunz (1999, p. 65):

O que se pode afirmar, é que nos últimos anos a metodologia educacional tem orientado os professores para objetivar não apenas a instrução técnica do aluno, mas sua formação geral, não mais cabendo, portanto o sentido de moldagem, ajustamento ou adaptação dos indivíduos no meio social. Nesse sentido, o método de ensino torna-se elemento de intervenção concreta na perspectiva de uma educação com princípios emancipatórios e autônomos.

A questão central reside na tomada de posição e conscientização por parte do profissional, de que ele é o agente primeiro, no sentido de uma modificação de práticas pedagógicas, assim, há a necessidade dos profissionais da educação e aqui especificamente da educação física estarem permanentemente situados historicamente e comprometidos politicamente com a transformação social através da formação de sujeitos autônomos.

Para Kunz (1999) a convivência no espaço escolar durante as aulas de educação física implica intercâmbio de experiências de vida, respeito mútuo e embate de expectativas díspares, concertadas na negociação democrática. Diariamente há a convivência com a diversidade na família, na escola, na comunidade e no trabalho. Com alguns seres humanos, a identificação é maior ou menor. Alguns

despontam como líderes e outros simplesmente os aceitam. Cada um tem seus sonhos, suas ambições e seus projetos de vida.

Esse é um momento de desafios muitos grandes para os professores da educação física abrir caminhos para o diálogo e a autonomia do ser humano. Por isso, é preciso entender como princípio básico o reconhecimento e a valorização da diversidade pessoal e cultural, pois o ser humano em seu cotidiano vive das mais diferentes formas.

Corroborando com o enunciado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) alertam que o estabelecimento de relações de autonomia, necessárias à posturas críticas, participativas e livres pressupõe um longo processo de aprendizagem, até que os alunos possam atuar segundo seu próprio entendimento. Nesse processo a presença do professor não pode ser dispensada, o que se coloca como necessário é que esta autoridade seja construída por meio da responsabilidade de educar e de intervir com discernimento e justiça nas situações de conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do estudo verificou-se que todos os objetivos foram alcançados mediante o levantamento na literatura nacional dos autores que escrevem a respeito da importância do ensino do atletismo na educação básica. Neste estudo como objetivo geral focou-se em levantar as contribuições da inserção do atletismo nos conteúdos curriculares do ensino fundamental. Para isso conceituar o termo atletismo foi fundamental, além de fazer um breve histórico sobre o atletismo no Brasil e no mundo.

No entanto, considerar a educação física como componente curricular voltada estritamente para o alcance de objetivos imediatos, sendo estes, o de rendimento físico ou de aperfeiçoamento das habilidades motoras, seria desconsiderar o homem em sua totalidade, reforçando a idéia da fragmentação.

Por isso são necessárias novas perspectivas pedagógicas para a educação física na prática do atletismo, perspectivas essas que o estudo abordou e verificou que é preciso que os profissionais que se dedicam ao trabalho com o atletismo sejam incentivados, tanto aqueles que trabalham em clubes, escolinhas e principalmente no âmbito escolar. As evidências apontam para casos de sucesso quando há envolvimento da comunidade escolar, resultando em melhora na qualidade de ensino, em mais interesse e aumento no número de praticantes desta modalidade esportiva.

As formas e a conduta dos escolares no enfrentamento do aprendizado e do mundo em geral são bastante similares. No planejamento das aulas de educação física, na modalidade atletismo, existem vários objetos fundamentais, porém, um deles deverá dirigir-se ao desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras.

Considerando-se que a criança não é um adulto em miniatura e não é criança porque joga, mas joga porque é criança, as atividades que regem a sua formação devem ser fundamentadas nas brincadeiras e nos jogos. Com esse enunciado, o objetivo específico que pretendeu salientar a importância de desenvolver o atletismo de forma lúdica, foi indevidamente alcançado.

Nas séries iniciais de escolarização, os alunos conhecem estudam, não só sobre o atletismo, mais também outros esportes de forma lúdica, crítica e participativa, ampliando assim, sua motricidade, criando e recriando movimentos e regras dentro dos esportes, tornando-os possíveis para todos.

O atletismo faz com que as crianças utilizem o conhecimento adquirido com a prática esportiva, não apenas em âmbito escolar, mas nos demais âmbitos de suas vidas. A grande contribuição do atletismo está em poder ser jogado através de desafios, jogos e brincadeiras, onde os alunos podem cooperar e interagir de maneira a respeitar o desenvolvimento de cada um. Neste aprendizado, a participação não é somente dos mais habilidosos, mas também dos que gostam da modalidade, brincando em equipe, independentemente de serem pequenas ou grandes equipes.

Assim, precisamos que um número maior de professores, se estimule e se encorajem a usar metodologias em suas aulas como ferramenta principal no processo ensino aprendizagem, permitindo que seus alunos vivenciem novas experiências educacionais e, para contribuir no resgate do atletismo como conteúdo essencial a ser trabalhado em aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

FROMETA, Edgardo Romero, TAKAHASHI, Kiyoshi. Guia Metodológico em atletismo: formação técnica e treinamento. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GIROUX, H. **Escola Crítica e Política Cultural**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

KUNZ, E. A imprescindível necessidade pedagogia do professor: o método de ensino. **Revista Motrivivência**, n. 13, 1999.

MATTHIENSEN, Sara Quenzer. **Atletismo: teoria e prática**. Rio Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **A história do atletismo**. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/atletismo/modalidades-do-atletismo.php>>. Acesso em: 19 maio de 2010.

PRADO, Vagner Matias do; MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física**. Motriz, v. 13, n. 2, abr./jun. 2007.

OLIVEIRA, Maria Cecília. **Mariano de. Atletismo escolar: uma proposta de ensino na educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SOUZA, E. R.. **O Atletismo no ensino fundamental: reflexões teóricas e possibilidades pedagógicas**. Florianópolis: Edição do Autor, 2005.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação em Educação Física, pela Universidade do Contestado – UNC Campus de Curitiba.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Educação Física – UNC, Professora de Educação Física do Ensino Fundamental Séries Iniciais e Finais. Contato: marilandia1971@hotmail.com.